

GT 2 PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR

LITERATURA ERÓTICA: FACE PEDAGÓGICA DE EROS

Tayla Maria Leôncio Ferreira
Universidade Federal do Ceará- UFC
taylamaria14@gmail.com

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma discussão e um projeto a nível de desenvolvimento, sendo que pressupomos sua efetivação na prática docente, quando a proposta poderá ser realizada. O projeto pretende utilizar textos literários, especificadamente poemas considerados pertencentes à literatura erótica, para a discussão e promoção da leitura como mecanismo de humanização, criticidade e desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, em turmas finais do ensino médio. Nesse contexto, entendemos a educação como ato revolucionário, partindo do pensamento de Paulo Freire (2018), para o qual a autonomia é um dos grandes objetivos da prática educativa. Dessa maneira, pautamos nossos estudos na revisão bibliográfica de Paulo Freire (2018), Antônio Cândido (1998), e Regina Zilberman (1988).

Palavras-chave: Eros. Erotismo. Literatura. Literatura Erótica.

1 INTRODUÇÃO

O poeta Mário Quintana diz que a poesia abre janelas, salva um afogado. A poesia se coloca a serviço do eu, num processo de desenvolvimento da subjetividade tanto do autor quanto do leitor. É a voz da alma que chega profundamente ao nosso ser. Infinitudes e impossibilidades estão conectadas na poesia, pois é palavra articulada, eficaz, produtiva, portadoras de vários significados. A poesia é um campo de reflexão, em que a mente trabalha para processar ideias, construir sentidos, ampliar e diversificar leituras. Drummond também fala que o verso é duro de sair, no entanto a poesia inunda toda a sua vida. Afinal, cada lugar é capaz por si só de ser também poesia.

Se todo canto é casa para moradia poética, a sala de aula se faz lugar mais que possível, necessário, Antônio Cândido afirma que “os professores de literatura sabem que cada abordagem de um texto poético pode alterar a maneira de entendê-lo; mas sabem também que o nosso ofício obriga a apresentá-las, por mais insatisfatórias que sejam” (CÂNDIDO, 1989, p. 6). No entanto, Averbuck (1982) explica que, muitos professores desconhecem as possibilidades de exploração da poesia e a própria função da arte na construção da personalidade humana. Além de que, em tempos de cerceação da liberdade, falar de erotismo ou até mesmo de literatura como um direito inalienável tem se tornado uma luta cada vez mais difícil. O que fazer perante essa realidade que nos é posta? É

diante dessa indagação que decidimos desenvolver este texto, pois ele nos fará refletir sobre as relações entre erotismo e poesia, visto que aqui, iremos considerar que a poesia erótica é um recurso que pode e deve ser usado em sala de aula, a fim de se explorar as capacidades leitoras dos alunos, além de poder trazer à tona questões consideradas tabus, como sexo, gênero, raça, prazer, e sexualidade.

Consideramos que o erotismo é uma dimensão fundante da nossa humanidade e nos implica a todos, sem exceção. Queiramos ou não, ele nos coloca diante do mistério da origem, da própria existência. É algo grande, incomensurável, maior que nós e por isso mesmo precipita sentimentos paradoxais dentro de nós. Atrai e gera repulsa. Provoca medo e júbilo. Daí que venha a mobilizar todo tipo de discurso, do mais sublime ao mais chulo, do mais poético ao mais estereotipado. Dessa forma, esse trabalho pretende refletir acerca da linguagem poética, linguagem erótica, da presença de Eros na literatura, assim como da relevância de se utilizar poemas eróticos em sala de aula, refletindo também sobre a necessidade de se discutir o erotismo na literatura frente a dificuldade de lidar com os indertitos, em contraponto com a imprescindibilidade de transgredir.

Na organização textual desse trabalho, o dividimos em quatro partes. A primeira, intitulada *Eros: sua dimensão pedagógica*, em que procuramos questionar e discutir a natureza da noção da pedagogia em Eros, através do caminho que o seu nome e mito percorre. A segunda parte se chama *No rastro da poesia*, em que ressaltamos o caráter transgressor da poesia e suas potencialidades. Na terceira parte, *No rastro de Eros*, procuramos atender às mesmas exigências quanto aos objetivos da segunda parte, mas desta vez pensando no potencial da literatura erótica. Por fim, na parte denominada *O encontro*, redigimos uma proposta de intervenção em sala de aula em que se pensou a utilização de diversos poemas de autores brasileiros e mecanismos que ajudem na leitura, discussão e apreensão dos textos, de forma a ajudar no desenvolvimento autônomo dos alunos.

2 PERSEGUINDO EROS: DESCOBRIR A POESIA ALADA

O ofício de ser e fazer-se professor é por si próprio um ato performático de Eros, pois faz uma retomada ao mito de Eros e Psiquê. Lembramos aqui da passagem do mito em que Psiquê teve que separar milhares de grãos que estavam misturados um ao outro. Assim como Psiquê, o professor passa também por esse ato de discriminação, separação, ao ter que exercitar sua habilidade de coletar o material que será utilizado na sala de aula,

além da preocupação de coletar a melhor maneira de trazer esse material para aula, isto é, a forma que ele conduzirá seu trabalho.

Além disso, a figura do cupido nos é imposta numa espécie de sina, como afirma Marlene Dozol (2007, p. 314): “A de viver a festa de uma fome saciada, de uma falta suprida”. Nesse plano, Eros não se torna apenas um deus, mas uma força, uma energia insatisfeita e inquieta, que vive sempre a procura. Assim também é a energia da busca pela aprendizagem, força que impulsiona tanto o aluno como o professor a estarem sempre em busca do saber, fome que nunca cessa, que se traduz em libido pedagógica.

Na prática, o sexo é, na sala de aula, ainda uma temática delicada. Em tempos de disseminação gratuita (e autorizada) de pensamentos fascistas, de programas como o Escola Sem Partido, da dificuldade de se discutir gênero (situação que só evidencia o quanto a nossa sociedade vem escarnecendo a democracia) é sempre um desafio tratar de um tema tanto libertador quanto a literatura, e tanto quanto mais libertador ainda, da literatura erótica. Ainda assim, pudemos encontrar o seguinte trecho nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. (BRASIL, 1998, p. 6)

Se o sexo faz parte de nossa cultura, como afirma os PCNs, por que ele ainda tem sido tratado como algo secreto, proibido, silencioso? A questão sobre quem somos é inseparável da matriz sexual. O Ocidente, desde os gregos até hoje, nos têm colocado “sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo” (FOUCAULT, 1988, p. 80). A matriz do sexo é também, matriz da vida. Continuamos a questionar: como trazer a literatura erótica para a sala de aula sem sermos ameaçados pelos interditos que nos cessam? De que forma os poemas podem beneficiar a promoção da leitura e da capacidade de autonomia dos alunos? É através desses questionamentos que buscamos desenvolver esse trabalho.

Erixímaco, no seu discurso em *O banquete*, considera Eros um todo único, “Eros não se limita a ser um impulso das almas humanas para a beleza humana, sendo sim a atração de todos os seres vivos para uma multiplicidade de coisas” (PLATÃO, 2010, p. 53). Nessa multiplicidade de coisas a linguagem exerce uma posição particularmente

nobre, se considerarmos que o próprio Eros é também, linguagem. A literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua no tocante a construção e reconstrução da linguagem, mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado. No primeiro caso por romper as regras linguísticas e atingir a subjetividade do leitor gerando a produção de novos sentidos. No segundo por figurar como um espaço de denúncia contra o próprio regimento de leis e interditos.

A arte e a literatura são subversivas porque nos ajudam a ver o mundo, a sairmos do lugar-comum, pois através delas exercitamos a liberdade e a subjetividade, numa atitude de contra poder. E por isso Eros “consegue estar em toda parte, camuflado sob vários disfarces, máscaras sociais que lhe garantem o livre trânsito, mesmo nos regimes mais autoritários. Nessas situações, ele sabe fazer-se ouvir de maneira cifrada, através de seus signos múltiplos” (BRANCO, 1955, p. 67).

Eis a seguir os versos de Manuel Bandeira na coletânea *Antologia da Poesia Erótica Brasileira* (2017, p. 281) que evidenciam essa afirmativa:

Mas a noite é nua,
E nua na noite,
Palpitam teus mundos
E os mundos da noite.

Brilham teus joelhos,
Brilha o teu umbigo
Brilha toda a tua
Lira abdominal.

No poema de Bandeira, temos Eros acionado à própria composição poética: lírica corporal. Poesia e erotismo se fundem também no poema *Parrede*, de Manoel de Barros. Vejamos:

Quando eu estudava no colégio, interno,
Eu fazia pecado solitário.
Um padre me pegou fazendo.
- Corumbá, no parrede!
Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e
decorar 50 linhas de um livro.
O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima
de Vieira.
- Decorrrar 50 linhas, o padre repetiu.
O que eu lera por antes naquele colégio eram romances
de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.
Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei
embevecido.
E li o Sermão inteiro.
Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário!
E fiz de montão.
- Corumbá, no parrede!
Era a glória.
Eu ia fascinado pra parede.

Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.
Decorei e li o livro alcandorado.
Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.
Gostar quase até do cheiro das letras.
Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.
Ficar no parrrede era uma glória.
Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.
A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio
das paredes.
(BARROS, 2008, p. 57)

Percebemos que o eu-lírico desse poema é inserido num contexto de sedução por duas vias que se encontram: a poesia e o erotismo. Cometer “pecado solitário” era poder estar de encontro com a literatura. A única forma da linguagem capaz de obedecer às “desordens” do poeta e ao imaginário criador é através da literatura, o meio pelo qual a poesia alcança e tem relação íntima com a liberdade das palavras. Ainda, segundo Barthes (1978, p. 15): “Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também sobretudo a de não submeter a ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem”. Fazer literatura, poetar, não é apenas ir além da linguagem, mas, é ir fora dela, é preciso sair da linguagem comum para se fazer literatura. Leyla Perrone-Moisés, em Flores da Escrivania, afirma que:

O próprio das palavras é desviar-nos do caminho reto do sentido. Supõe-se que o objetivo da fala seja dizer ao mundo ou agir sobre ele. Mas, se prestarmos ouvidos às palavras elas mesmas – isoladas (amavios, sultana) ou unidas em blocos que por si só não constituem uma significação (descrevem a tão atraentes cores) - encantamo-nos, distraímos-nos, e não chegamos a nada de prático. O extremo desse desvio (ou sedução) se chama poesia. (MOISÉS, 1990, p. 14).

A crítica literária brasileira diz que a poesia não é apenas “o desvio do caminho reto do sentido”, mas é o extremo desse caminho, ou seja, o ápice desse trajeto. Ao comparar tal desvio com uma sedução, a autora faz uma reflexão sobre a sedução das palavras em seu uso poético. Esse desvio, essa trapaça atraente da palavra, presente na poesia, é o que torna o leitor seduzido pela linguagem literária e passe também por uma experiência de sedução, que, o próprio escritor, ao escrever seu poema, também tenha passado. Embora, cada um, autor e leitor, absorva de forma diferente a experiência da sedução da palavra.

É na linguagem, segundo Perrone-Moisés (1990, p. 20), que: “os processos substitutivos são infinitos e o jogo erótico pode circular em permanência”. Em outras palavras, a linguagem literária é um processo infinito e sedutor, pois à medida que o leitor percebe os artifícios poéticos ou a construção poética do autor, formando um universo

singular, eles fazem um pacto em torno da escrita literária e aceitam aquele mundo ficcional proporcionado pela poesia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor, por meio da linguagem, mostra ou envia sinais para que o aluno, por si próprio, transforme potência em ato. Esse Eros ensinante nos fornece pistas das possibilidades de um homem ensinar outro. Em termos de formação humana, nossos sentidos são assediados constantemente, ensinar tem sido uma prática revolucionária. O professor faz revolução, portanto, todos os dias, ao enfrentar as violências de discursos voltados para os destinos coletivos - no âmbito da política, do mercado, da religião, e dos valores culturais de um modo geral.

De acordo com Rollo May, “Eros assume as asas da imaginação humana e transcende todas as técnicas, zombando dos livros de orientação, entrando em órbita acima de nossas regras mecânicas, amando em vez de manipular órgãos. Pois Eros é a força que nos atrai” (1973, p. 81). Por intermédio de Eros, os seres buscam uns nos outros uma união que não se restringe ao ato sexual, mas que vai bem além: Eros excita a ânsia do conhecimento, a transcendência no mundo interpessoal e da natureza que nos rodeia, levando o homem a dedicar-se à própria busca em si. Mais que uma tentativa de sucesso, mais a jornada que o destino, é o que interessa. A jornada é aprender uma atenção apaixonada que nos abre para as vidas dos seres amados, ou se não, para a própria vida. Nesse processo, poderíamos chegar nós mesmos à fruição do pensamento platônico de uma maneira a “gerar nós mesmos”, pois é Eros a força que nos impele para o todo, impulso que dá sentido a forma da nossa dissemelhança, molda a nossa debilitante deformidade e nos leva a sua incessante e eterna procura.

Dessa maneira, percebemos ao longo do percurso de realização desse trabalho que a sedução da palavra sempre implicará no rapto da alma. Discutir o erotismo é discutir o que somos. Percebemos que Eros, nesse contexto pedagógico, exerce triunfante papel, pois cria o impulso apaixonado da alma pelo conhecimento. E não há espaço melhor de se refletir sobre o código erótico do que na poesia, como ressalta o escritor Ítalo Calvino: “Hoje, já que as imagens e as palavras do ‘erotismo’ estão desgastadas e inúteis, resta à expressão poética a infinita liberdade das translações”(1961, p. 21). O rastro de Eros percorre até mesmo as terras movediças das sociedades controladas pelas leis e suscetíveis à repressão, pois os impulsos de Eros abrangem visões diversas, desde

místicos a poetas, como fenômeno que representa o corpo e se insere na cultura. Logo, mostra-se como linguagem e discurso que, antes de tudo, pretende comunicar sua vontade de continuidade e transgressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo. In: **O que é: amor, erotismo, pornografia**. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1984.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Orientação Sexual Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em 12 out. 2018.

CALI, Eduardo. Poesia na escola in: CARVALHO, Maria Angélica de Carvalho. MENDONÇA, Rosa Helena. (orgs.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CALVINO, Ítalo. Sull' erotismo in letteratur. In: **Nuovi Argomenti** (n. 51-52), revista organizada por Alberto Moraiva e Alberto Carocci. Roma, 1961, p. 21-24.

CÂNDIDO, Antônio. **Na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. [1998].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MAY, Rollo. **Eros e repressão**: amor e vontade. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOISÉS, Leyla Perrone-. **Flores da Escrivadinha**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MORAES, Eliane Robert. (org). **Antologia da Poesia Erótica Brasileira**. Lisboa: Tinta da china, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.